

DISTOPIAS: PRESSÁGIOS DE UM FUTURO NEFASTO

Mateus Yuri Ribeiro da Silva PASSOS
Aluno da Faculdade de
Jornalismo / PUC-Campinas

RESUMO

Este artigo visa expor as idéias do gênero literário conhecido como distopia, descrever e relacionar pontos de seus mais conhecidos romances (e A Revolução dos Bichos, de George Orwell; Fahrenheit 451, de Ray Bradbury, e Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley), portanto, também, as obras distópicas na literatura brasileira (Não Verás País Nenhum, de Ignácio de Loyola Brandão, e Fazenda Modelo, de Chico Buarque).

Palavras-chave: *Distopia. Ficção Científica. Literatura.*

ABSTRACT

Dystopia is a literary genre that is contrary to utopia. This article describes its main concept and compares common points in four novels of the genre (1984 and Animal Farm, by George Orwell, Fahrenheit 451, by Ray Bradbury, and Brave New World, by Aldous Huxley). Dystopic works in Brazilian literature (Não Verás País Nenhum, by Ignácio de Loyola Brandão, and Fazenda Modelo, by Chico Buarque) are also presented and compared with the foreign ones.

Key-words: *Dystopia. Science Fiction. Literature.*

O futuro chegou, e não é como esperávamos. Estamos no sonhado ano 2001, mas ainda não temos carros voadores, robôs falantes, videofones ou cidades no espaço. Para os entusiastas da ficção científica resta um consolo. Se as previsões mais otimistas do gênero não se concretizaram, pelo menos ficamos livres do lado pessimista. (...) Ray Bradbury costumava dizer que a função da ficção científica não era prever o futuro e sim evitá-lo. E nesta perspectiva ela foi bem-sucedida, já que conseguimos evitar a guerra nuclear e o mundo das ditaduras monolíticas de Orwell e Huxley. Coisas sobre as quais os autores do passado nos advertiram. (Calife, 2001, p.7)

Já ouvi muita gente dizer, com ar de desdém: “Ele foi um escritor de ficção científica.” Isso me fez pensar que a maior parte das pessoas não compreende a importância da ficção científica para toda a população da Terra. (Hubbard, 2000, p.7)

PRESSÁGIOS DE UM FUTURO NEFASTO

Como seria a vida humana se o mundo fosse subjugado por uma rede de câmeras cuja função seria monitorar e inspecionar o cotidiano de cada indivíduo?

E se as pessoas não mais nascessem do ventre materno, mas fossem geradas em laboratório e criadas de modo a dar prosseguimento a uma linha de produção de seres humanos?

Ou, então, se a literatura e o pensamento fossem abominados por uma população vidrada em telenovelas interativas, as quais lhes eram mais significativas do que a própria existência?

Alguma dessas suposições está próxima da realidade mundial deste principiar do século XXI? Nenhuma? Todas?

Entre elas, há algum ponto em comum?

Sim: seu berço é a Literatura e, de modo mais específico, o gênero da distopia.

Este artigo tem por objetivo a apresentação e comparação dos principais pontos dos mais conhecidos romances distópicos (*Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, 1984, de George Orwell e *A Revolução dos Bichos*, do mesmo autor), além da presença do gênero na literatura brasileira (*Não Verás País Nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão, *Fazenda Modelo*, de Chico Buarque).

Distopias: presságios de um futuro nefasto

DISTOPIA

Com base no conceito de que as criações utópicas (tais como *A Cidade do Sol*, de Tommaso Campanella) têm como objetivo a concepção de uma sociedade perfeita do ponto de vista racional, ou seja, desligada de credices e superstições que impediriam seu total progresso, a distopia é o contraponto, o inverso, a negação da utopia: a proposta de um avanço científico-social culmina em estruturas opressoras e populações alienadas (cf. Pinto, 2003, p.15-16).

Uma vez que a maior parte da literatura distópica está inserida no gênero da ficção científica – a qual, de acordo com o *American Heritage Dictionary of the English Language*, é a “ficção na qual invenções ou descobertas científicas constituem um elemento do enredo ou do contexto; em especial, um trabalho de ficção baseado na previsão de possibilidades científicas futuras” (apud Hubbard, 2001, p.10) –, pode-se ressaltar que sua função, com base no conceito de evitar o futuro previsto, é a de evitar que a humanidade siga determinado rumo desastroso (previsto pelo autor por conta da observação de fatos de sua época) por meio de um alerta, em que se constitui o romance. De acordo com Lafayette Ron Hubbard (cf. *ibidem*, p.10), é possível julgar ficção científica não apenas um romance que lida com possibilidades tecnológicas, mas também com sociologia, medicina ou economia, por exemplo, por serem campos de conhecimento científico.

Assim, embora todas as obras partam do mesmo pressuposto – a espécie humana arruinada, de modo reversível ou não –, o grau de ruína, o enfoque e as verdades científicas envolvidas no processo diferem de forma radical, pois a previsão depende da observação subjetiva do autor e, portanto, daquilo que este aponta como ameaça em potencial à organização social atual: para Orwell, os governos totalitários; para Huxley, o fordismo e a engenharia genética; para Bradbury, a massificação da informação; para Brandão, o entreguismo e o desmatamento.

ALIENAÇÃO, TOTALITARISMO E A INGLATERRA DEPOIS DO REINO

Dentre as principais distopias, a mais próxima da ficção científica tecnológica é também a mais antiga: *Admirável Mundo Novo* (*Brave New World*), de Aldous Huxley, publicada na Inglaterra em 1932.

O romance apresenta uma Londres transformada em sua totalidade, principalmente na estrutura social: não há mais partos – as mulheres férteis (minoría) tomam anticoncepcionais para evitar a gravidez, considerada suja, impura. Em vez de nascimentos normais, as crianças são geradas em laboratório e manipuladas geneticamente para o pertencimento a uma das cinco castas sociais: alfa, beta, gama, delta e épsilon, tendendo para mais ou para menos – os membros da última mal são considerados seres humanos. Desde a infância, todos os cidadãos sofrem hipnose para se condicionarem ao conformismo e à vida já estabelecida, em que desaparece o conceito de família e a promiscuidade não só é comum como também encorajada no meio social. Os sentimentos foram abolidos. Em vez de alguma divindade, cultua-se Henry Ford, conhecido pela criação do sistema fabril de linha de montagem. A introdução do Modelo T é o marco da nova era, em que os seres humanos são, do mesmo modo, produzidos em linha de montagens: todos grandes séries de gêmeos. Também Freud é objeto de adoração dessa nova sociedade obcecada por sexo e pela exploração de novos prazeres, dentre os quais cinema-sensível, em que há transmissão do ambiente tátil filmado, e o soma, droga fabricada em pílulas.

O Alfa-Mais Bernard Marx é diferente dos outros londrinos: franzino, não pratica esportes, nem se mistura com os demais. Seu isolamento desperta a atenção da também alfa Lenina Crowne. Marx repudia os “elogios” feitos por Henry Foster, um dos parceiros de Lenina, pois referem-se a ela como carne. Marx e Crowne viajam para uma reserva indígena na América do Norte, onde os costumes antigos foram mantidos, e se deparam com John, filho da londrina Linda, refugiada por estar grávida de um dos grandes Administradores de Londres.

Marx leva mãe e filho de volta ao que conhece como civilização, na esperança de intimidar o pai de John – o qual conhecia a Inglaterra apenas por meio da literatura shakespeariana, citada por ele com frequência. Rejeitado por Linda e apaixonado por Lenina, o Selvagem (como se torna conhecido) entra em choque cultural com o admirável mundo novo. Esse conflito cresce em dimensões, enquanto Marx desiste de idéias de contestação ao sistema e integra-se a ele.

Ambientado também em Londres, *1984*, de George Orwell, foi publicado em 1949. No ano de 1984, todo o planeta está dividido em três grandes blocos – Oceania (Austrália, Nova Zelândia, Américas e Inglaterra), Eurásia (Europa Continental, Oriente próximo e norte da África) e Lestásia –, todos em permanente guerra. As alianças entre os blocos mudam de tempos em tempos, porém os fatos são distorcidos para que sempre se pareça que o

Distopias: presságios de um futuro nefasto

aliado é aliado desde o início, ocorrendo o mesmo com o inimigo. A Oceania é governada por um partido único, cujo líder é o Grande Irmão (Big Brother), figura fictícia criada para inspirar o povo. Diariamente, há os Dois Minutos de Ódio, uma sessão de repúdio a Emmanuel Goldstein, conhecido como inimigo do povo e traidor do partido. Quaisquer relações interpessoais são desencorajadas. O casamento é uma formalidade e o sexo um ato repulsivo. Todas as residências possuem teletelas que, além de transmitirem programação, também vigiam os telespectadores. A informação é facilmente manipulável, tanto para a inclusão de pessoas inexistentes nos registros como para suprimir da História e da lembrança popular os cidadãos indesejáveis. Crianças são convertidas à ideologia dominante e tornam-se espiãs dos próprios pais. O clima é de terror e repressão.

Winston Smith odeia o Grande Irmão. Odeia o sistema. Enquanto permanece busca de quem tenha idéias afins às suas, trabalha regularmente no Ministério da Verdade – Miniver em Novilíngua, uma versão esquartejada do vernáculo – onde cria e destrói fatos e gente.

O Comando Ogilvy, inexistente uma hora atrás, era agora um fato. Pareceu-lhe [a Smith] curioso ter a faculdade de criar homens mortos, mas não vivos. O Comando Ogilvy, que jamais existira no presente, agora existia no passado, e existia com a mesma autenticidade e as mesmas provas que Carlos Magno ou Júlio César. (Orwell, 1984, p.48)

Crente de ser perseguido por Júlia, mulher pela qual desconfia ter sido descoberto, Smith descobre-a apaixonada por ele. Os dois iniciam um caso, embora tenham visões políticas diferentes – ele contesta o sistema, ela quer aproveitar brechas nele. Capturados pela terrível Polícia do Pensamento, ambos são torturados e forçados à traição, após o que reeducados para amarem o Grande Irmão.

Escrito pelo norte-americano Ray Bradbury em 1953, *Fahrenheit 451* (a temperatura de combustão do papel, equivalente a 251° C) não traz uma previsão política, mas social, próxima, inclusive, em termos tecnológicos, da realidade nos Estados Unidos (e no mundo), ontem e hoje.

O princípio do romance é a inversão do papel do bombeiro – o profissional que, antes, era incumbido de dar fim aos incêndios, agora atea fogo no interior de residências não inflamáveis, no intuito de destruir o único objeto proibido: livros. Os núcleos familiares existem, mas boa parte dos casais abdicam de ter filhos. A televisão (cujas telas ocupam paredes inteiras) desempenha um papel vital no cotidiano, ao apresentar novelas nas quais o

espectador interage com os personagens até considerá-los mais parte de sua família do que os próprios parentes.

Guy Montag, bombeiro, começa a questionar sua missão crematória ao conhecer a jovem vizinha Clarisse McClellan, questionadora de valores. Quando a família de Clarisse subitamente desaparece do bairro, Montag enfrenta a doutrina de seu chefe Beatty (o qual regozija-se em incendiar bibliotecas inteiras), a ponto de armazenar livros em casa, tentando converter sua esposa Mildred (cujo maior desejo é fechar-se num quarto com as quatro paredes revestidas por telas de televisão) à literatura. Perseguido (com transmissão em rede nacional) pelo Sabujo Mecânico, cão robótico dotado de um ferrão que injeta um veneno paralisante, o homem refugia-se na floresta e passa a viver com um bando de homens que decoram livros, para evitar a perda do conhecimento.

A crítica é feita principalmente à indústria cultural de massa, já nos anos 50 identificada pelo autor como uma ameaça à reflexão, ao pensamento.

A VISÃO DO TERCEIRO MUNDO

Não Verás País Nenhum, distopia brasileira publicada em 1982, possui forte cunho ecológico. Experiências nucleares transformam a atmosfera do planeta e aumentam a temperatura global média. Escassa, a água dos rios é armazenada e exposta em museu. Da Floresta Amazônica, resta apenas um vasto deserto – divulgado com otimismo pelas autoridades e a imprensa, que o “inauguram” com uma festa árabe. Os cheiros da natureza são acessíveis apenas quando comprados nos *shopping centers*. Pela cidade de São Paulo, onde se desenvolve a trama, pipocam mutantes em decomposição. Para obter água e transitar pelos Distritos urbanos são necessárias fichas especiais. Já não há animais. Fora do município, os pobres amontoam-se nos Acampamentos Paupérrimos. No Nordeste, crescentes bolsões de calor fulminam de imediato todo ser vivente. O Ministério da Incompetência garante a não-solução dos problemas. O consumo deixou de ser uma opção, um direito, para tornar-se um dever: toda segunda-feira é o Dia de Consumo Obrigatório – o não cumprimento à cota é severamente punido. O Brasil eliminou os ministros – quem governa agora é o Esquema. Em todo o mundo, toda a música foi descaracterizada e unida num só padrão.

Souza (identificado apenas pelo sobrenome) é um ex-professor de história, membro de uma maioria de omissos que permitiu o Período da Grande Locupletação e posterior divisão e venda de territórios nacionais a grupos

Distopias: presságios de um futuro nefasto

estrangeiros. Sua esposa, Adelaide, recusa-se a discutir problemas sociais e políticos. Seu sobrinho, capitão do Novo Exército, está consciente da situação do Brasil e disposto a fazer uso dela em benefício próprio.

- Tio, os conceitos de nação mudaram. O que vale agora é o internacionalismo. A multiplicidade. Aqui é um pedacinho. Você soma com os pedacinhos que temos por aí fora. Reservas no Uruguai, na Bolívia, pedaço do Chile, na Venezuela. Cada savana na África, quero ser transferido para a África, triplica o soldo e a gente tem casa, comida, economiza.
- Pois é, entregamos o nosso e fomos colonizar outros territórios.
- Não é colonização, tio, é diferente. São reservas multinternacionais. O mundo se globaliza.
- Talvez eu seja velho, com idéias antigas na cabeça. Mas queria meu país inteiro, não um mundo de países dentro do meu, como acontece.

(...)

- Por que vocês discutem? Cada vez que ele vem nos visitar, sai uma discussão nesta casa, Souza. Por quê? Não podemos fazer como todas as famílias? Ficar alegres, conversar conversas boas? Há tanto assunto bonito. (Brandão, 1982, p. 67-69)

Funcionário de uma repartição pública, Souza vê seu mundo sofrer uma reviravolta quando surge um furo em sua mão – é demitido e impedido de usufruir o transporte e espaço urbanos. Assim, começa a encontrar velhos conhecidos – agora subversivos, perseguidos pelos civiltares, a força repressora do governo – e a esconder mutantes em seu apartamento, atendendo a um estranho pedido do sobrinho. Conforme vai se enredando em suas tramóias, Souza descobre a verdadeira situação do país e torna-se foragido dos policiais civiltares.

Mais que uma crítica à ditadura moribunda, é um aviso para que se evite sua volta. Um manifesto contra a alienação, o entreguismo e a devastação do meio ambiente.

FÁBULAS DISTÓPICAS

Duas das distopias mais afastadas do gênero da ficção científica são *A Revolução dos Bichos* (Animal Farm), de George Orwell, publicada em 1945, e *Fazenda Modelo*, escrita por Chico Buarque em 1974.

A primeira é uma sátira à Revolução Russa em tom de fábula: cansados da opressão, os animais da Granja do Solar expulsam seus donos, os seres humanos, para fazerem por sua própria conta o gerenciamento do local, rebatizado como Granja dos Bichos. Seus líderes são os porcos que, alimentados pelo sonho emancipacionista do velho Major e comandados pelos jovens Bola-de-neve e Napoleão, buscam a igualdade política entre os animais, com sessões dominicais para discutir os rumos do estabelecimento – ao menos a princípio. Logo, os dois porcos se desentendem. Bola-de-neve é expulso da granja e Napoleão, escoltado por uma milícia canina, confere privilégios aos porcos. Os outros animais, por alienação ou incapacidade intelectual, nada fazem para evitá-lo. O cavalo Sansão, por exemplo, encontra no trabalho e na obediência ao líder as únicas formas de preencher sua existência.

Quitéria recomendava-lhe que tivesse cuidado e não se esforçasse demais, mas Sansão não lhe dava ouvidos. As duas máximas ‘trabalharei mais ainda’ e ‘Napoleão tem sempre razão’ pareciam suficientes para resolver os seus problemas. (Orwell, 2003, p.45)

O processo culmina na reintegração da granja ao comércio com as demais fazendas da região e o seu novo batismo com Granja do Solar, numa volta às origens. Os porcos e seres humanos, num jantar de confraternização para comemorar a nova aliança, tornam-se indistinguíveis.

Já a novela pecuária *Fazenda Modelo* passa-se na fazenda homônima, composta apenas por cabeças de gado. Sem grandes rodeios, Juvenal, “o Bom-Boi”, é nomeado conselheiro-mor da Fazenda Modelo e tem por objetivo a otimização dos processos lucrativos da instituição. Dessa forma, o touro Abá é separado de sua parceira Aurora por semana – a abstinência o leva a copular com outras vacas. A seguir, conforme Abá recebe premiações, instala-se um aparato mecânico para recolher o sêmen do touro, que reduz-se a trapos.

Assim ocorre com as demais cabeças de gado da fazenda, não mais tratadas por Juvenal como semelhantes, mas posses, formas de obtenção de lucro – o que se demonstra no capítulo final:

Por meio de um ofício bastante complicado, como que encabulado, (...) Juvenal mandou liquidar o gado restante, ele compreendido, decretando o fim da experiência pecuária, na Fazenda Modelo, e destinando seus pastos, a partir deste momento histórico, à plantação de soja tão-somente, porque resulta mais barato, mais tratável e contém mais proteína. (Buarque, 1985, p.137-138)

A gerência da fazenda por animais e a administração inescrupulosa e alienante são alguns ecos de *A Revolução dos Bichos* nessa obra.

VISÕES CONTRASTANTES

Embora pertencentes ao mesmo gênero literário, as obras distópicas apresentam pontos de vista os mais díspares possíveis: enquanto os governos totalitários de Orwell seguem uma linha nacionalista, isso é o que falta aos brasileiros entreguistas de Brandão. Mesmo o governo totalitário não é uma constante: presente em Orwell, Buarque, Brandão, aparece com poderes limitados em Huxley (a Londres de 1984 dificilmente permitiria a circulação, ou mesmo a lembrança da existência do selvagem John) e Bradbury (o Corpo de Bombeiros é o único órgão público apresentado na trama).

Enquanto o modelo capitalista é criticado na frieza do fordismo por Huxley e na indústria cultural por Bradbury, a União Soviética personifica o modelo de Estado totalitário abominado por Orwell, o que pode ser demonstrado ao se avaliar pontos como a divisão mundial em grandes blocos (uma referência à União Socialista das Repúblicas Soviéticas), a Novilíngua (crítica ao Esperanto, idioma criado na Polônia por Lázaro Luiz Zamenhof, no fim do século XIX, e aplicado na comunicação internacional dentro da União Soviética) e a própria Granja dos Bichos, cuja revolução parodia a ocorrida na Rússia em 1917. Tanto Bola-de-Neve quanto Emmanuel Goldstein são repudiados como traidores do partido, cujo líder, seja Napoleão, seja o Grande Irmão, personifica Stalin. A crítica de Huxley ao fordismo não é menos mordaz ao fazer seus personagens proferirem a interjeição “Oh, Ford!” (Huxley, 2004, p.59) em vez de “Oh, Deus!”.

É curioso o quanto Orwell e Huxley diferem em relação à moralidade distópica: o primeiro enxerga um ambiente de forte repressão sexual, enquanto o segundo prevê uma sociedade libidinosa que busca cada vez mais o prazer, o contato físico tão nojento aos olhos dos protegidos do Grande Irmão.

Para cada autor, a alienação popular se dá nas mais diversas maneiras: a eterna busca pelo prazer carnal (Huxley e Buarque), repressão e manipulação ideológica (Orwell e Brandão) e a cultura massificada, desprovida de reflexão e questionamento (Bradbury e Brandão).

O papel do protagonista em cada obra é, também, diferente: Montag (a princípio também um agente distópico) e John, na condição de pícaros, refugiam-se da civilização; Sansão e Abá são subjugados pelo governo e alienados – o mesmo ocorre com Marx e Smith, embora a princípio contestassem o sistema vigente –; Souza, embora se arrependa de ter sido omissos no passado, nada faz para mudar a situação do Brasil.

Um presságio dos *reality shows* de hoje está presente em *1984* e em *Fahrenheit*. No primeiro, as teletelas vigilantes do Grande Irmão (nome que deu origem ao programa *Big Brother*) que captam toda ação dos cidadãos; no livro de Bradbury, uma reflexão sobre a postura dos telespectadores, que vivem em função dos personagens televisivos.

Por fim, o elemento mais significativo, comum a todos os textos, é a não corrupção do homem quando toma o poder (Grande Irmão, Esquema etc), mas o questionamento das razões da busca por sua posse:

Ninguém jamais toma o poder com a intenção de largá-lo. O poder não é um meio, é um fim em si. Não se estabelece uma ditadura com o fim de salvar uma revolução; faz-se a revolução para estabelecer a ditadura. O objeto da perseguição é a perseguição. O objetivo da tortura é a tortura. O objetivo do poder é o poder. (Orwell, 1984, p.244)

REFERÊNCIAS

- BRADBURY, R. *Fahrenheit 451*. São Paulo: Globo, 2003.
- BRANDÃO, I. L. *Não Verás País Nenhum*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.
- BUARQUE, C. *Fazenda Modelo*. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- CALIFE, J. L. Uma Visão do Século XXI. In: _____. *As Sereias do Espaço*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 7-11
- HUBBARD, L. R. *A Reconquista (Campo de Batalha: Terra)*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 7-14
- HUXLEY, A. *Admirável Mundo Novo*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2004. (Coleção A Aventura de Ler).
- ORWELL, G. *1984*. 18. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.
- _____. *A Revolução dos Bichos*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003. (Coleção Biblioteca Folha, v. 14)
- PINTO, M. C. Prefácio. In: BRADBURY, R. *Fahrenheit 451*. São Paulo: Globo, 2003. p. 13-20